

# NÃO PINTCHA

ORGÃO DO MINISTERIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFONES: 3713/3726/3728 — BISSAU

SOWETO  
CINCO  
ANOS  
DEPOIS  
MAIORIA  
DE ESQUERDA  
EM FRANÇA

(pág-7)

## REUNIÃO DO C. R. COM O CONSELHO ECONÓMICO SITUAÇÃO ECONÓMICA EM DEBATE

O Conselho da Revolução e o Conselho Económico estão reunidos na sede do Partido, em Bissau, para uma análise da situação económica do país e do programa do primeiro Governo Provisório.

A situação de alguns projectos e mesmo de algumas empresas cuja inviabilidade económica é um facto, tem sido objecto de novos estudos para possível reorientação.

Devido às dificuldades que o nosso país enfrenta no domínio cambial, a empresa EGA e a fábrica de plásticos, cujas matérias primas dependem essencialmente da importação, tornam-se um pesado encargo para a economia nacional.

A Unidade Industrial de Cumeré que custou mais de 20 milhões de dólares, coloca um sério problema ao mundo rural, que neste momento não consegue produzir o suficiente para garantir o seu funcionamento.

A reunião que é presidida pelo camarada Comandante de Brigada, João Bernardo Vieira, Presidente do Conselho da Revolução começou no passado dia 15, segunda-feira, e prossegue hoje os seus trabalhos.

## MILITANTES DO PAIGC EM BISSAU PREPARAM CONFERÊNCIA DO PARTIDO



Deverá terminar hoje, na sede do PAIGC, em Bissau, a reunião preparatória da segunda Conferência do Partido do Sector Autónomo de Bissau, que abriu na segunda-feira, sob a presidência do camarada Samba Lamine Mané, membro do CR.

Na sessão de abertura este dirigente fez uma breve alocução, seguida da apresentação pelo camarada Sitna, secretário da Organização do PAIGC no sector, do relatório das actividades do Partido

na capital. Por outro lado, o camarada Niandro Barreto, membro do CNG fez uma exposição do relatório apresentado pelo camarada Nino Vieira à última reunião do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC, que suscitou animado e interessante debate.

Entretanto no interior do país terminaram as Assembleias regionais do Partido.

## MINISTROS AFRICANOS EM NAIROBI

A urgente necessidade da libertação e independência da Namíbia foi sublinhada por diversos oradores, no decurso da abertura dos trabalhos do 37.º Conselho de ministros da Organização da Unidade Africana, que decorre desde segunda-feira no Centro de Conferência Internacional Kenyatta de Nairobi, capital do Quênia.

O problema saharauí, cuja admissão na Organização é apoiada pela maioria dos 50 membros, é um dos assuntos que a reunião ministerial irá debater. Referindo-se às ameaças marroquinas de retirar-se da OUA, se a República Saharauí for admitida, Joaquim Chissano, ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique declarou que o «Marrocos deve ser expulso da OUA devido a sua política expansionista e de ocupação do Sahara Ocidental».

(ver página-7)



O problema Saharauí está na ordem do dia

NORTE - SUL: **LUTA DECISIVA  
PARA O TERCEIRO MUNDO** (centrais)



## Falta de cuidado nos jardins-infantis

Camarada Director:

Vou colocar aqui uma questão que acho até bastante complexa, mas penso que é o momento de a abordar para que se tomem medidas urgentes e precisas para acabar com esse tipo de comportamentos.

Referiro-me aos jardins-infantis em Bissau, mais precisamente ao Nhima Sanhá. Nós todos sabemos o quanto é difícil e quanta paciência exige dos educadores infantis. Muitas vezes, pensa-se que é uma coisa fácil, mas pelo contrário. Para ser-se educador infantil, para lidar com crianças, é preciso ter uma boa formação.

Ora penso que não é isso que acontece com os nossos educadores infantis, especialmente no Nhima Sanhá. As pessoas que lá estão não têm cumprido cabalmente a sua tarefa, de cuidar das crianças. Já não falo da formação que as crianças obtêm no jardim-infantil, pois esta questão não está em causa. O problema que ponho é a falta de cuidado com as crianças.

Nós conhecemos as traquinices das crianças, principalmente quando estão em grupo, mas os educadores devem estar sempre em cima delas para que não aconteçam acidentes, como se tem vindo a verificar. Na hora da brincadeira, muitas crianças magoam-se terrivelmente a ponto de serem mesmo atendidas por médicos. Isso é uma verdade, pois não estou aqui a mentir, as próprias educadoras sabem-no perfeitamente. Elas aproveitam a hora da brincadeira das crianças para lerem os seus livros, conversar entre elas e contar as últimas novas do dia.

Eu penso que isto não está bem, porque os pais que deixaram os filhos no jardim-infantil, vão trabalhar sossegados porque pensam que estão a ser bem cuidados. De repente é chamado ao telefone, ou recebe o recado que a criança se magoou e teve que ser levada ao hospital. Isto é uma coisa que pode acontecer mesmo quando os pais estão presentes. Mas nos jardins-infantis é sistemático. Então, para quê pôr as crianças nos jardins-infantis?

Penso que os camaradas da Educação devem ver esta questão e saber quem é que devem colocar nesses estabelecimentos como educadores infantis.

CARLA SOW

# Comité da Cidade de Bissau adquire equipamento para limpeza

Para a limpeza da Cidade de Bissau e subúrbios, o Comité de Estado da Cidade de Bissau recebeu da SIDA (Organização governamental sueca para a Cooperação Internacional), uma oferta composta de três tractores com as respectivas plataformas de carregamento, e 10 contentores para o armazenamento do lixo. Cada contentor tem capacidade de 8 toneladas, e serão distribuídos pelos bairros de Bissau higienicamente mais afectados.

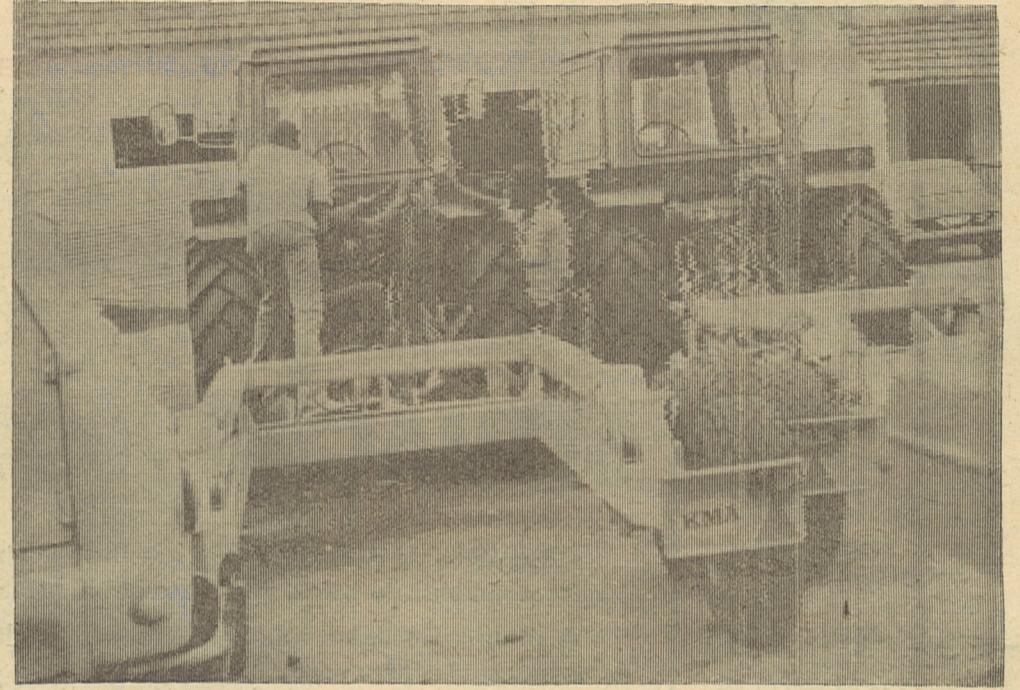
Está prevista para o dia 24 do corrente mês a chegada de um técnico sueco para pôr em funcionamento as máquinas.

Até então, o Comité de Estado dispunha de uma única viatura que, mes-

mo contando com o apoio de carros de outras instituições estatais

e dos serviços do Banco Mundial em Bissau, não tem conseguido solucio-

nar o problema de evacuação do lixo nesta capital.



## Novas instalações da Padaria Africana

A Padaria Africana situa na rua Marien N'Gouabi, pertencente ao industrial Mateus Sanhá, vai inaugurar as suas novas instalações na sexta-feira próxima, dia 19 do corrente mês. As remodelações desta unidade industrial de panificação, iniciaram-se há 8 meses, encontrando-se os trabalhos praticamente concluídos.

Esta Padaria, actualmente a maior e mais bem equipada do país, reunindo as melhores condições higiénicas de fabrico, está apetrechada com equipamentos modernos adquiridos na Itália no valor de cerca de 4 milhões e 500 mil

pesos. «Com a inauguração, dar-se-á início a fabricação e venda ao público de Bissau e, eventualmente do interior do país, desde que o abastecimento de farinha ao mercado nacional corresponda ao nível de produção da padaria» — observou o proprietário. O complexo, equipado com dois fornos entre outras máquinas, têm a capacidade de transformar 450 kilos de farinha por hora.

Além de pão de diversos tipos e formatos, esta nova padaria poderá fornecer também aos seus clientes, croissants, brioches e bolos secos.

Cantchungo

## Reunião da JAAC

Teve lugar no passado dia 13 do corrente no Secretariado do Partido em Cantchungo, uma reunião do Secretariado regional da JAAC, sob a presidência dos camaradas Nicolau Nambatu e Bacár N'Djai, respectivamente responsável regional da nossa organização juvenil e primeiro secretário da JAAC e responsável pelo Desporto, in-

dicou a ANG.

Na referida reunião analisou-se a situação da JAAC na região de Cacheu e as resoluções da última reunião do Conselho Nacional da Guiné do PAIGC. Apresentou-se igualmente a proposta de constituição do novo Secretariado da JAAC no sector de Cantchungo e houve uma parte dedicada à crítica e à auto-crítica.

## N' Cumba vai ter jangada

### ● Ligação S. João-Tite

As empresas nacionais de transportes terrestres e marítimos, respectivamente, «Silô Diata» e «Guiné-Mar» prevêem, em conjunto, colocar uma jangada no porto de N'cumba, Região de Tombali, para o transporte de passageiros vindos de Catió, com destino a Bedanda, poupando-se assim cerca de 180 quilómetros percorridos pelos autocarros. Por outro lado, a «Silô Diata» vai colocar uma viatura em São João para fazer a ligação com o cruzamento da estrada de Tite e Fulacunda.

Estas informações foram fornecidas por uma delegação da «Silô Dia-

ta» chefiada pelo director-geral adjunto desta empresa, camarada Ansumane Silá, que efectuou recentemente uma visita às Regiões de Tombali e Quinara, em missão de trabalho. A delegação contactou as populações, os responsáveis administrativos regionais e as filiais da «Silô Diata», tendo-se inteirado do conjunto dos problemas locais que se prendem com as péssimas condições das estradas e a falta de meios de transporte, os quais dificultam grandemente os serviços da empresa.

Perante estas dificuldades, as populações da

Secção de Tombali de Baixo reafirmaram a sua decisão de colaborar com as autoridades locais no melhoramento da estrada que liga esta localidade a Catió. Por outro lado, na ocasião desta visita, o Comandante Quemo Mané, Presidente do Comité de Estado da Região de Quinara pode manifestar o seu desacordo com a redução dos combustíveis da «Silô Diata», no quadro do racionamento nacional, de 50 mil para 20 mil litros, visto que este facto piora ainda mais o estado de isolamento em que se encontram as Regiões do Sul do país.

## Termina semana de filme sueco

Com a repetição do filme «É preciso Viver», de Margareta Vinterheden termina hoje, após uma semana de exibição no salão de cinema da UDIB, a semana de filme Sueco, organizada pela Associação de Amizade Guiné-Bissau-Suécia.

Os filmes exibidos durante toda a semana, tiveram boa aceitação do público em geral.



«Irmãos de coração de Leão» — um filme que fala da fraternidade, e que tocou sobretudo o público jovem.



# Porque as potências se opõem ao alargamento de mares

A única explicação que se pode dar a constante resistência das potências industriais, quanto aos esforços da comunidade internacional no sentido de viabilização do alargamento do espaço da plataforma continental (considerado geograficamente parte integrante de cada território, independente, é pelo facto de essas potências pretenderem continuar a ser as mais privilegiadas a explorarem intensivamente as riquezas marítimas do alto mar. Esta explicação foi formulada pelo dr. Vicente Marota de Rangel, professor universitário brasileiro, no decorrer da segunda palestra por ele feita na quarta-feira passada, no Ministério da Justiça, sob o tema «Direito do Mar».

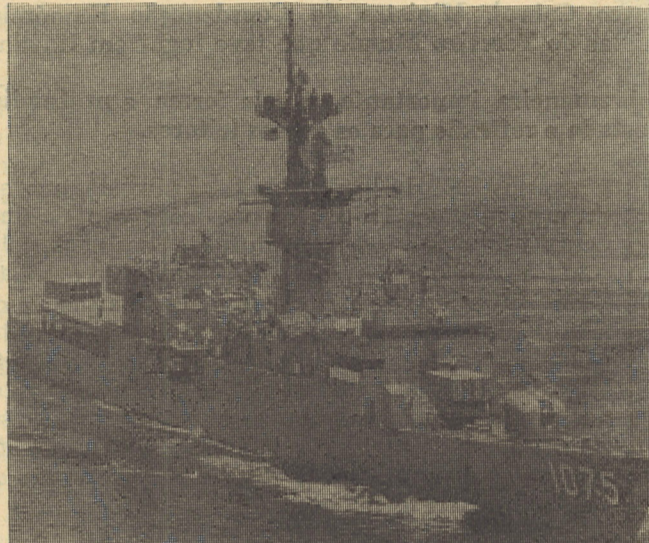
Esta exaltação, legítima de posições do Terceiro Mundo, veio a propósito de referências de indignação apresentadas pelo professor Marota de Rangel sobre a necessidade de adopção

de leis comuns por países da comunidade das nações em matéria de direitos marítimos. Segundo ele, a discussão do problema em questão foi sendo arrastada desde há sete anos, sem que se chagasse a um consenso final de fixação de limites de zonas marítimas de integração continental e de exploração exclusiva de cada nação.

É esse o motivo porque a 3.ª Conferência das Nações Unidas sobre os Direitos do Mar ainda não concluiu os trabalhos, estando, no entanto, prevista para Agosto próximo, a realização da sua 10.ª sessão, na qual o nosso país estará representado. Espera-se que as delegações participantes consigam chegar a um consenso geral sobre a matéria, que, aliás, nas palavras do orador da palestra em Bissau, já dispõe de um valioso projecto de leis a serem adoptadas.

Antes de entrar nestas considerações, o pro-

fessor Marota de Rangel, que falava para os alunos da Escola Média de Direito da Guiné-Bissau e outras individualidades da Função Pública, começou por des-



Enquanto existir o desrespeito pelas limitações de fronteiras marítimas e enquanto mantiverem as desigualdades de direitos entre ricos e pobres, a paz será sempre ameaçada

crever um rico historial sobre o mar e a vida humana, a evolução das teses dos direitos do mar, (ultrapassando a do Direito Romano, em que o mar era coisa comum a todos sem distin-

ção) e, por fim, teceu a problemática que desde a Idade Média até aos nossos dias tem afligido as nações e mesmo provocado conflitos fronteiriços.

Intervenção dos países na exploração dos recursos aquáticos, surgiram várias outras definições que deram lugar à criação de zonas contíguas, plataforma continental — e, por fim, a zona económica exclusiva, que se estende a mais de 100 milhas marítimas.

As 100 milhas são o limite teoricamente estabelecido até agora, como espaço aberto para cada país costeiro exercer exploração de recursos conforme entender. O alto mar (a zona dos pélagos ou oceanos) seriam o patrimonial comum da Humanidade. Mas na prática, quem possui tecnologia avançada para explorar os recursos no alto mar são, efectivamente, as grandes potências. É exactamente em defesa dessa estratégia monopolista que as grandes nações industriais se opõem ao alargamento de plataformas continentais e de zonas exclusivas económicas para 200 milhas, como direito de cada país costeiro.

## Saneamento continua implacável

Após quatro dias de encerramento, por determinação da Comissão de Saneamento higiénico, o Supermercado das Galerias d'Amura, voltou a abrir as suas portas ao público, a partir de sábado passado. Seriadamente embaraçado com a situação daquele estabelecimento, mandado fechar por insuficiências de condições higiénicas indispensáveis, os responsáveis do Supermercado empreenderam uma operação intensiva de reparação, pintura e limpeza do mesmo, tendo solicitado, ao quarto dia, a presença da Comissão, a fim de proceder a sua reabertura.

Contudo as recomendações não foram completamente cumpridas. Assim, a Comissão decidiu dar luz verde ao estabelecimento, impondo condições impreteríveis: «que os cartões vazios de lixo sejam removidos num prazo de 24 horas, e que os estrados para armazenamento de embalagens de produtos sejam colocados dentro de dez dias.

Porém, na quinta-feira passada, dois bares e uma taberna foram encerrados nos bairros de Santa Luzia e Plubá, no prosseguimento da campanha de saneamento promovida pelos serviços de Saúde e integrada pelos departamentos do Estado que intervêm nas actividades comerciais. Tratam-se da «Casa Santos» e a taberna do mauritaniano, Mohamed Ould Hamid, em Santa Luzia, e do bar «Seca-Pé», em Plubá.

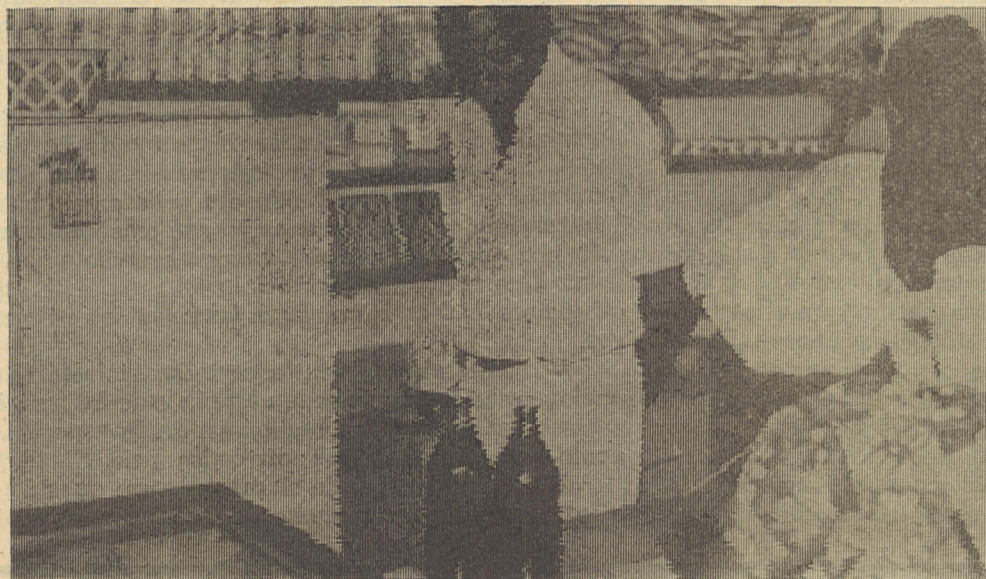
As causas gerais que motivaram tal decisão, são idênticas em todos estes estabelecimentos: o estado higiénico lamentável, agravado de pinturas de paredes e tectos desgastadas e sujas. Durante as inspeções

condições mínimas exigidas aos empregados de bares, como por exemplo o uso de batas asseadas e do boletim de sanidade, provas de imunidade contagiosa.

Por outro lado, a Comissão de Saneamento descobriu e apreendeu no posto 1/11 da Socomin de Antula, uma caixa de sardinhas visivelmente deterioradas, que estavam a ser vendidas ao público consumidor. A marca mais suspeita e encontrada em quase todos os estabelecimentos inspeccionados, é das sardinhas «BOM-AL-MOÇO», que o mauritaniano Ould Hamid afirma ter comprado há menos de duas semanas na

Casa Figueiredo. O prazo de sua validade terminara no ano de 1978. Contudo, nem todas as latas se apresentavam deterioradas pelo que a Comissão levou algumas para examinar.

Também naquela taberna, foram encontradas garrafas de sumo fabricado na empresa Lucas, com cápsulas enfeijoadas. Elas apresentam a marca «Pampa», deixando indícios de que teriam sido apanhadas por opositadamente em qualquer recinto, após serem utilizadas nas garrafas da «CICER». A Comissão de Saneamento registou o facto e prometeu investigar o assunto.



### Ministro da Justiça visita Cacheu

A aplicação de sanções a infractores por roubo baseadas em leis das comunidades locais e na linha política de recuperação do homem defendida pelo PAIGC, foi um dos pontos assentes pelo Ministro da Justiça, Fidélis Cabral de Almada, em reuniões realizadas na Região de Cacheu aquando da sua visita de trabalho iniciada a 11 do mês corrente.

A visita que teve por finalidade proceder ao controlo do funcionamento do aparelho judiciário regional, implantado pelo Governo a nível de Tribunais Populares em todos os sectores do país, contou com a participação em massa da população, sensibilizada pela presença nunca antes verificada de um membro do Governo. «O povo ama os seus filhos que lhe trazem recados, em vez de se limitarem a mandarem com primos e parentes» sublinhou Cato Fai, um dos homens grandes de Cacheu, ao intervir numa das reuniões.

Na referida reunião foram debatidas diversas questões, entre as quais algumas referentes ao controlo da fronteira terrestre, e desvios de produtos para venda nos países vizinhos, em prejuízo da economia nacional.

Acompanhou o doutor Fidélis de Almada nesta sua visita de trabalho uma delegação que integrava o camarada Avelino Delgado, presidente do Comité de Estado da Região de Cacheu e de mais responsáveis do Partido e Estado, daquela região.

#### Rectificação

### Financiamento do BID para compra de cimento

A notícia publicada na edição anterior do «Nô Pintcha» com o título «BAD financia compra de cimento e asfalto», referia-se a um financiamento do BID (Banco Islâmico de Desenvolvimento) e não do BAD (Banco Africano do Desenvolvimento).

Trata-se de um financiamento de dois milhões de dólares daquele organismo monetário islâmico para a aquisição dos referidos produtos destinados ao mercado nacional.



# Relações Norte-Sul: Um quadro decisivo para o Terceiro Mundo

Divulgamos hoje a intervenção do camarada Vasco Cabral, Ministro da Coordenação Económica e Plano, proferida no segundo Congresso dos Economistas do Terceiro Mundo que teve lugar em Havana de 26 a 30 de Abril último.

O tema em questão — Diálogo Norte-Sul — é sobremaneira importante, e pela forma e profundidade como foi abordado, pensamos, constitui matéria de estudo e reflexão para os nossos leitores.

É com o maior prazer que uso da palavra neste Fórum de colegas economistas, dignos membros da comunidade dos que, pelo mundo fora, lutam pela promoção política, económica e social do Terceiro Mundo.

Tal prazer é realçado pelo facto de que este acontecimento, o 2.º Congresso de Economistas do 3.º Mundo, tem lugar em Havana capital dum país que nos dá tantos exemplos de força criadora de dignidade e de bravura, num combate que é o de nós todos. Portanto, antes de mais quero felicitar o povo cubano, o seu Partido de vanguarda e o seu dirigente o Presidente Fidel Castro pelo acolhimento que nos reservaram e pelo trabalho de organização que tornou possível esta Conferência e ainda pelo notável discurso que aquele fez e que é para todos nós um guia precioso de trabalho e de acção.

Agradecemos também vivamente aos membros do Comité Organizador e a todos os que tornaram possível este debate sobre a crise económica internacional e os seus efeitos no 3.º Mundo.

É já hoje escusado repisar a importância e a profundidade de tal crise. A República da Guiné-Bissau, país classificado como um dos menos desenvolvidos, no mundo, sofre-lhe as consequências de forma particular.

Sentimos tais problemas na nossa própria carne e eu quereria aqui abordar alguns aspectos que me parecem dos mais importantes na luta que travamos todos por melhores e sobretudo mais justas condições de desenvolvimento.

## 1 — AS RELAÇÕES NORTE-SUL: UMA DINÂMICA INTERNA E EXTERNA

Dois fenómenos fundamentais caracterizam a evolução recente das relações económicas no mundo capitalista: a polarização Norte-Sul e a polarização interna nos países subdesenvolvidos. Hoje o Norte conhece um produto médio de 10 000 dólares por ano e por pessoa, para uma população de 671 milhões. Do outro lado da balança, 2 300 milhões de pessoas, viviam em 1980, com um produto de 791 dólares por pessoa. Entre estes, 1 133 milhões vivem com um produto por habitante de 216 dólares. (1)

O ritmo de progressão desta polarização mantém-se acelerado apesar das intenções, das decisões, promessas e resoluções. O crescimento do PNB por pessoa foi de 3,1% durante os anos de 1960, para o conjunto dos países subdesenvolvidos, de 2,9% durante os anos de 1970, e as previsões são de baixar ainda para 2% durante o período 1980/85. Enquanto isto os países do Norte mantêm um crescimento que corresponde respectivamente a 3,9%, 2,4% e 2,5%. Os níveis absolutos apresentando uma enorme diferença, estas percentagens significam uma reprodução acelerada da polarização.

O Clube de Roma indica-nos que entre 1970 e 1975 o Norte progrediu 180 dólares por habitante e por ano, o Leste de 80 dólares. Paralelamente o rendimento per capita foi para o Terceiro Mundo de 1 dólar. (2) Como romper as estruturas do subdesenvolvimento nestas condições?

A África ao Sul do Sahara é considerada como apresentando a situação mais grave. Última a sair da noite colonial, sangrada durante séculos dos seus melhores trabalhadores, com uma agricultura destruída pela monocultura das fases colonial e neocolonial, e um processo de industrialização que só se interessou na pequena transformação de matérias primas destinadas ao próprio Norte e na constituição de pequenas ilhas de desenvolvimento luxuoso, a África negra enfrenta uma situação particularmente dramática. O crescimento do produto por pessoa foi de 1,6% duran-

te os anos 1960, baixou ainda para um estagnante 0,2% durante os anos 1970, e as previsões são de uma regressão de 0,3% por ano durante os anos 1980/85. Nada menos que 27 países da África fizeram este ano apelos internacionais para enfrentar a situação de urgência alimentar. Diante da situação, o Plano de Acção de Lagos, adoptado em Abril 1980 pelos Chefes de Estado Africanos, salienta que «a própria manutenção dos níveis actuais de pobreza e desemprego massivos, sem se falar da melhoria da situação, exigirá esforços heróicos e concretos para construir a economia da região sobre uma nova base». (3)

O complemento inevitável desta polarização Norte-Sul é a polarização interna dos países do Terceiro Mundo. Com efeito, é somente através da existência e reprodução de minorias privilegiadas que foi possível manter o Terceiro Mundo concentrado em produzir para o Norte, entregando a preços ridículos as suas riquezas naturais e o fruto do seu trabalho.

O resultado é que as massas trabalhadoras do Sul vêem a sua situação relativa deteriorar-se com maior rapidez. A metade mais pobre das populações do Terceiro Mundo mal recebe 15% do rendimento, e a polarização aumenta. Há mais de 800 milhões de pessoas esfomeadas no mundo e, segundo as estimativas do Banco Mundial, «é provável que o número de pessoas vivendo em pobreza absoluta aumente durante a próxima década». (4) Mas sobretudo aumenta a parte do rendimento controlado pelas minorias privilegiadas. Assim no Brasil, entre 1960 e 1970, a parte do rendimento atribuída ao 1% mais rico da população aumentou de 51%. (5) Esta inclusão parcial de elites do Terceiro Mundo nos privilégios do Norte constitui um eixo essencial de reprodução do sistema.

Muito se tem falado na industrialização do Terceiro Mundo. É necessário lembrar a este respeito algumas verdades. A primeira é que a industrialização se concentra em alguns países. Assim, durante o período 1966-75, o Brasil concentrou através da instalação das companhias transnacionais 23,9% do valor acrescentado manufactureiro do Terceiro Mundo, praticamente um quarto do total. Se acrescentarmos o México, a Argentina e alguns mais, temos, com 10 países 73,2% do valor acrescentado manufactureiro dos países subdesenvolvidos. (6)

Isto implica que na realidade os países do Terceiro Mundo continuam sendo, na sua esmagadora maioria fundamentalmente fornecedores de produtos primários aos países do Norte e, que a divisão internacional de trabalho estabelecida se mantém nos seus moldes clássicos. É útil lembrar que a parte dos produtos primários nas exportações dos países em vias de desenvolvimento passou de 87,3% em 1953 para 82,4% em 1965 e se mantém no nível de 81,1% em 1975. (7) As exportações de manufacturados são igualmente concentradas, sendo que 9 centros industriais do Terceiro Mundo representavam em 1973 cerca de 87% das exportações manufactureiras do Terceiro Mundo. (8)

Uma segunda característica deste processo de industrialização é de se tornar instrumento de dependência crescente e não de independência. A simples extensão no Terceiro Mundo dos processos de industrialização do Norte sem as transformações estruturais profundas destinadas à sua absorção e controle, levou à constituição dos enclaves solidamente ligados aos países do Norte, por laços tecnológicos e financeiros.

Constituindo segmentos de industrialização, estes enclaves são inviáveis sem a ampla rede internacional de serviços bancários, comerciais, de transportes e de apoio tecnológico hoje controlados pelo Norte.

É de se colocar hoje claramente em questão qual o interesse de um processo de industrialização que,

longe de se apoiar numa dinâmica interna de desenvolvimento global e equilibrado constitui uma extensão do processo de industrialização no Norte. A que ponto se pode estender sem mais o processo modernizador de uma sociedade onde o rendimento por pessoa é de 10 000 dólares, para um país onde este rendimento é de 200 dólares? As necessidades são outras, o nível de formação de mão de obra é outro, as capacidades de manter e de reproduzir o equipamento instalado são outros. E os efeitos, sabemos-lo são uma dependência maior e um reforço da elitização local.

Um efeito fundamental desta modernização extravertida e dependente que constatamos no Terceiro Mundo nos últimos 30 anos é a marginalização da maior parte das populações. Esta exclusão da imensa maioria das massas trabalhadoras do processo de modernização dá-se através da interiorização da troca desigual entre sector moderno e sector tradicional. Mas dá-se igualmente porque nem a tecnologia adoptada nem o perfil de produção, permitem uma participação das massas no processo de mobilização para o desenvolvimento.



Um mês de assistência técnica dos países do Norte custa cerca de 6 000 dólares, o equivalente a 18 toneladas de arroz, trabalho de um ano inteiro de 18 camponeses para pagar um mês de um técnico europeu

Na falta de uma sólida base interna e de uma adaptação efectiva às capacidades e necessidades da população, em particular do mundo rural, desenvolvem-se economias elitistas, cujo ponto de apoio fundamental constitui a própria economia internacional dominada pelo Norte. E as relações externas deixam de constituir um apoio complementar e dinamizador ao processo interno de acumulação, para tornar-se um instrumento de adaptação das economias nacionais às necessidades de acumulação no Norte.

Um instrumento fundamental desta extravertida das economias subdesenvolvidas é o controlo real e concreto do Norte sobre as infra-estruturas de serviços que apoiam e controlam os fluxos internacionais: rede internacional de comercialização, de transportes, de telecomunicações, de seguros e de apoio financeiro. Este monopólio virtual do Norte sobre a infra-estrutura material e organizativa da circulação internacional é determinante para a fixação de preços, para a decisão informada dos agentes e, para o próprio financiamento e reprodução destas infra-estruturas.

Trata-se portanto hoje de enfrentar não somente o problema das relações Norte-Sul nos seus termos de intercâmbios a nível internacional, mas de enfrentar o conjunto do sistema gerador e reproduzidor de desigualdades, no próprio Norte, no sistema de organização do mercado internacional, no sistema de reprodução das ditaduras elitistas e, na organização das próprias eco-



# dro de luta iro Mundo (1)

omias do Terceiro Mundo em função das necessida-  
s reais das suas populações.

É portanto uma pirâmide de injustiças que deve  
r invertida, no conjunto das suas manifestações.  
esas no ciclo de uma modernização dependente dos  
rcuitos internacionais, atrelados ao financiamento de  
cnologia de peças sobressalentes, de assistência téc-  
ca e das próprias máquinas que as fornecem, as eco-  
mias subdesenvolvidas concentram-se em produzir  
da vez mais divisas para financiar o sistema, refor-  
ndo ainda mais a dependência.

Na África em particular, conforme aponta o Pla-  
o de Acção de Lagos, «foi imposto um sistema econó-  
o que limita a amplitude de utilização dos recur-  
os naturais da região e, que a coloca numa camisa de  
forças; levando-a a produzir o que não consome e a  
consumir o que não produz, bem como a exportar ma-  
terias primas a preços baixos e em geral declinantes,  
para importar produtos acabados ou semi-acabados a  
preços elevados e crescentes.

Nenhum programa de libertação económica, sali-  
ento o Plano, pode ter sucesso se não atacar no coração  
deste sistema de subjugação e de exploração. Os resu-  
mos da região devem ser aplicados, antes de tudo, em  
função das suas próprias necessidades e dos seus pró-  
prios objectivos». (9) Não há portanto ruptura do sis-  
tema Norte-Sul sem se redefinir a estratégia de utili-  
zação de recursos nas próprias economias do Sul.

## II - ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO

Trata-se portanto não só do problema de acelerar  
o desenvolvimento, como de reorientá-lo, na medida  
em que as orientações actuais têm levado a um pro-  
fundamento das desigualdades e do círculo vicioso do  
subdesenvolvimento.

No centro de uma nova estratégia de desenvolvi-  
mento, deve necessariamente situar-se o mundo rural.  
Representando este, nos países da África, em particu-  
lar, e na grande maioria das economias subdesenvol-  
vidas em geral, a esmagadora maioria da população,  
não é viável nem em termos económicos nem em ter-  
mos políticos um processo de modernização e desen-  
volvimento que não assegure efectivamente a partici-  
pação das massas camponesas.

Em termos económicos, trata-se de generalizar a  
tecnologia simples e acessível ao campo, e de criar as  
redes de serviços de apoio indispensáveis nas áreas de  
comercialização, estocagem, transportes e crédito,  
bem como orientar a industrialização, hoje concentra-  
da em escoar e transformar os produtos do campo,  
para a produção de insumos agrícolas indispensáveis  
ao seu desenvolvimento.

Aumentando fortemente a sua produtividade, o  
campo poderá constituir-se efectivamente numa base  
progressiva de acumulação produtiva — e não mais  
comercial — e tornar-se um mercado interno de gran-  
de profundidade social, permitindo à própria cidade  
encontrar os produtos agrícolas necessários à sua so-  
brevivência e de vender os produtos urbanos.

Não há no entanto soluções económicas sem solu-  
ções políticas correspondentes. O lançamento de um  
processo efectivo de acumulação no campo exige a or-  
ganização de sindicatos rurais, de partidos rurais, da  
informação e da sua participação política, enfim,  
dos instrumentos concretos de participação das mas-  
sas camponesas.

Poder-se-á assim passar de uma situação em que  
minorias urbanas privilegiadas constituem elites  
enclavadas ao exterior, drenando o produto rural e  
perexplorando as massas rurais para financiar a  
acumulação do luxo na capital e de lucros no Norte,  
para uma situação em que as cidades constituam o  
elemento dinamizador da acumulação rural, um pro-  
duzindo para o outro.

Isto implica também que as redes de serviço bási-  
cos — comercialização, armazenagem, transportes — e  
o sistema de preços permitam efectivamente dinami-  
zar o mundo rural e se tornem na correia de transmis-  
são do tripé agricultura-indústria-serviços, voltados  
para o desenvolvimento autodinâmico do país.

É nesta perspectiva apenas que a relação Norte-

-Sul pode adquirir a sua dimensão correcta, ao desem-  
penhar a área internacional o papel complementar e  
dinamizador de um processo de desenvolvimento emi-  
nentemente interno, rompendo-se o ciclo vicioso da  
corrida pelas divisas que exigem cada vez mais divi-  
sas. Enquanto a economia, no plano interno, for orga-  
nizada em função do problema da balança de paga-  
mentos, da busca de divisas e do aumento do sector  
exportador, de pouco adianta melhorar os ter-  
mos de troca, e as regras do jogo continuarão a ser di-  
tadas pela área internacional e quem a domina.

## III - ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO E ORDEM INTERNACIONAL

É possível uma estratégia de desenvolvimento au-  
tocentrada sem se modificar o sistema internacional  
vigente? A verdade parece ser de que no grau actual  
de monopolização do mercado internacional, com a  
evolução dos termos de troca, com o controle de  
transferência de tecnologia, com a força do processo  
de deformação e corrupção lançado pelas companhias  
transnacionais, os processos de transformação nacio-  
nais e internacionais devem ser concomitantes.

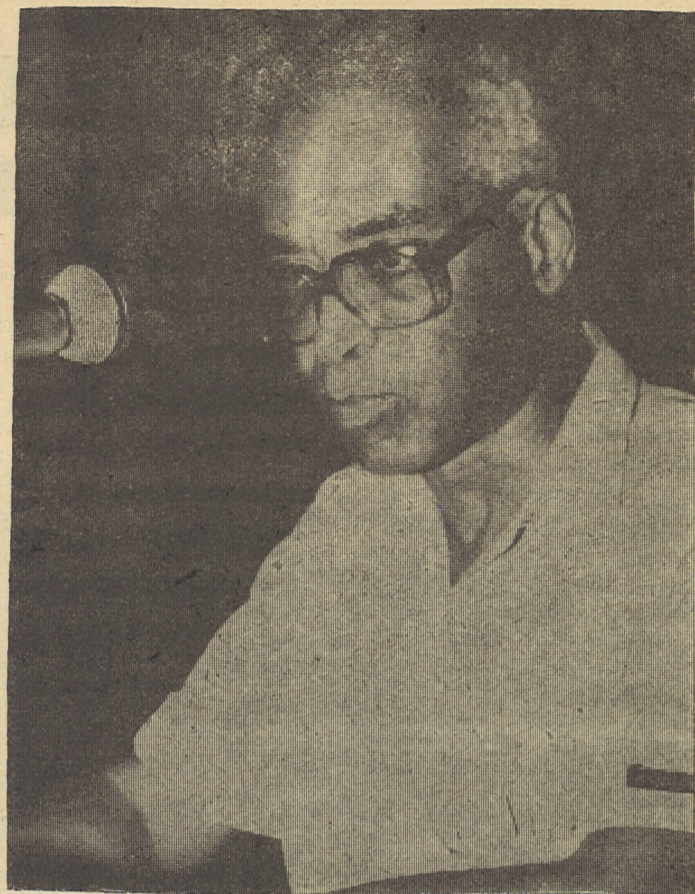
O facto é que o conjunto de mecanismos e os  
principais fluxos de troca internacionais são hoje con-  
trolados pelo Norte. Os Estados Unidos da América  
controlam 80% do comércio de cereais apesar de pro-  
duzir apenas 20% destes. (10) O domínio esmagador  
do Norte sobre as trocas internacionais reflecte-se na  
sua participação quantitativa: em 1970 o grupo de  
países do Norte controlava 65,4% do comércio de mer-  
cadorias (204 160 milhões de dólares sobre um total  
mundial de 312 070) e em 1977 controlava 62,2%  
700 000 milhões de dólares sobre um total mundial  
de 1 123 625 milhões). A participação de todos os  
países subdesenvolvidos nas trocas de mercadorias  
em 1977 era de 23%, e a dos países socialistas de  
9,7%. (11)

Globalmente, o grupo de países do Norte controla  
assim dois terços do mercado internacional, enquanto  
mesmo somando-se a participação dos países do Ter-  
ceiro Mundo com os países socialistas com cerca de  
3 700 milhões de habitantes, mal chegamos a um ter-  
ço dos fluxos.

Mais forte ainda, no entanto é o controle qualita-  
tivo sobre os fluxos internacionais. Com efeito, e con-  
forme vimos, os países do Terceiro Mundo continuam  
sendo exportadores fundamentalmente de matérias  
primas, enquanto o Norte exporta para o Sul produ-  
tos nobres, com elevado conteúdo tecnológico, permi-  
tindo dinamizar no próprio Norte os sectores de pon-  
ta, reproduzindo o círculo vicioso.

O monopólio exercido, tanto em termos de peso  
qualitativo e quantitativo nos fluxos mundiais de bens  
e serviços, como ainda sobre o suporte organizativo  
do mercado internacional, leva a uma situação insus-  
tentável em termos dos próprios termos de troca.  
Hoje 10 camiões são pagos com o valor equivalente de  
1 500 toneladas de arroz, o trabalho de um ano de  
1 500 camponeses do Terceiro Mundo, quando no  
Norte com 1 500 trabalhadores faz-se funcionar uma  
fábrica de camiões. Como pode o país pobre equipar-  
se com estes custos? Um mês de assistência técnica  
dos países do Norte custa cerca de 6 000 dólares o  
equivalente a 18 toneladas de arroz, trabalho de um  
ano inteiro de 18 camponeses para pagar um mês de  
um técnico europeu. A relação de troca de tempo de  
trabalho fica em cerca de 1 para 150!

Nestas condições não se pode falar em transferên-  
cia de tecnologia, em ajuda externa, em desenvolvi-  
mento baseado no apoio técnico e material do Norte. E  
como se situa neste contexto um país como a Guiné-  
-Bissau com um rendimento per capita de 170 dóla-  
res, e importador de petróleo? A previsão da evolução  
dos termos de troca para o país feita pela CNUCED é  
de 79 para 1985, tomando-se por base 100 o ano 1979.  
(12) O valor total das exportações da Guiné-Bissau,  
dominantemente agrícolas, foi de 11 milhões de dóla-  
res em 1980, quando as importações apenas de com-  
bustíveis durante o mesmo período ultrapassaram 12  
milhões de dólares.



Camarada Vasco Cabral, ministro da Coordenação Económica e Plano

Nestas condições e levando-se em consideração  
que os aportes externos trazidos do Norte correspon-  
dem apenas marginalmente às necessidades internas  
do país o às suas prioridades de desenvolvimento —  
vendas concentradas em produtos sofisticados para  
estender as linhas de produção no Norte — não há es-  
tratégia de desenvolvimento possível, ou compatível  
com amplas trocas com o Norte, enquanto não houver  
uma mudança radical da ordem económica internacio-  
nal.

E deve ser aqui recolocado firmemente o proble-  
ma político da reprodução através da força e da cor-  
rupção de sistemas ditatoriais no Terceiro Mundo, de  
governos totalmente desvinculados dos anseios dos  
seus próprios povos para o desenvolvimento mantidos  
com gigantescas muletas por servirem docilmente os  
interesses dominantes na economia internacional, es-  
coando para o Norte em troca de produtos desvincula-  
dos das necessidades básicas da população, as parcas  
riquezas acumuladas ou a própria ajuda internacional.

Neste quadro é de se repensar as recomendações,  
encontradas em quase todos os relatórios que manifes-  
tam preocupação pela situação do Terceiro Mundo, no  
sentido de que os países do Terceiro Mundo devem lu-  
tar por uma maior parte do mercado mundial, abrir-se  
mais ainda para o exterior. O problema é do perfil de  
troca, do controle real sobre os fluxos pelos destinatá-  
rios, muito mais do que de simples expansão do que  
existe, forma de aprofundar o círculo vicioso.

A realidade é que nestas estruturas de relações  
internacionais chegou-se a um bloqueio tanto do ponto  
de vista dos países do sul, imobilizados por uma dívida  
externa de 400 biliões de dólares e utilizando hoje cer-  
ca de 60% das novas dívidas contraídas para pagar an-  
teriores dívidas (13) como do ponto de vista dos países  
do Norte, que recorrem cada vez mais à venda de ar-  
mas para manter o sistema de ditaduras, (os gastos  
anuais em armas representam 17 vezes o esforço de  
ajuda ao desenvolvimento) (14), mas vêem cada vez  
mais dificuldades em vender para um Terceiro Mundo  
estagnado e de massas miseráveis os seus produtos. O  
desenvolvimento elitista do mundo capitalista está em  
crise e a necessidade de reformulação já está sendo  
sentida pelo próprio Norte. O sistema deu o que tinha  
a dar para uns como para outros, e qualquer que seja o  
peso momentâneo que ainda têm os conservadores, não  
há possibilidades de um relançamento sem a sua revi-  
são global.

## IV - PONTOS PARA UM PROGRAMA DE ACÇÃO

Devemos enfrentar com realismo, antes de tudo, a  
fraqueza relativa, nesta fase, do conjunto de países  
que constituem o Sul. Apesar de representarem uma  
população quase quatro vezes mais numerosa do que  
o Norte e do enorme progresso que constituem a for-  
mação da OPEP e a unidade que tem caracterizado o  
grupo dos 77, o facto é que todas as manifestações de  
luta pela nova ordem económica internacional no qua-  
dro das conferências de Arusha, de Buenos Aires, de  
Manila, de New Dehli têm levado a uma constatação.

(Continua na página 6)



# Benfica e Gabú disputam a final da Taça da Guiné

As formações do Ajudá Sport e Bula FC foram afastadas da Taça da Guiné-Bissau pelo Benfica e Desp. de Gabú, com resultados favoráveis a estas duas equipas, de 2-0 e 1-0, respectivamente. A

graças ao resultado trágico sobre o seu adversário — o Bula.

Foi com inteiro mérito que o Benfica e o Gabú conseguiram estar presentes na final, pois que deixaram pelo caminho adversário de en-

Entretanto, ambas as equipas têm todas as possibilidades de vencer esta sexta edição, provavelmente a desenrolar no próximo domingo no estádio Lino Correia, aumentando assim o nú-

quarta edição de 78/79 o Bula F.C. e, por último, na quinta edição, em 79/80 foi a vez do Estrela Negra de Bissau. No entanto, se o acaso levar o Benfica como vencedor da presente edição, o ano 80/81 será considerado como época encarnada já que esta equipa «papou» mais uma vez o campeonato nacional.

Se, no entanto, a sorte sorrir o Desp. de Gabú será uma prenda justa para esta equipa devido ao seu labor, aliás salientado pelo seu treinador Lamine Dabó «trabalhamos muito e a determinada altura pensámos no título. O azar não nos permitiu concretizar este objectivo». De momento Lamine tem ao alcance a Taça da Guiné que constituirá a compensação para os rapazes do lesfe que mesmo pondo a hipótese de uma vitória benfiquista (bastante difícil) serão os representantes da Guiné-Bissau nas competições africanas dos vencedores das taças já que o Benfica estará presente na taça dos clubes campeões.



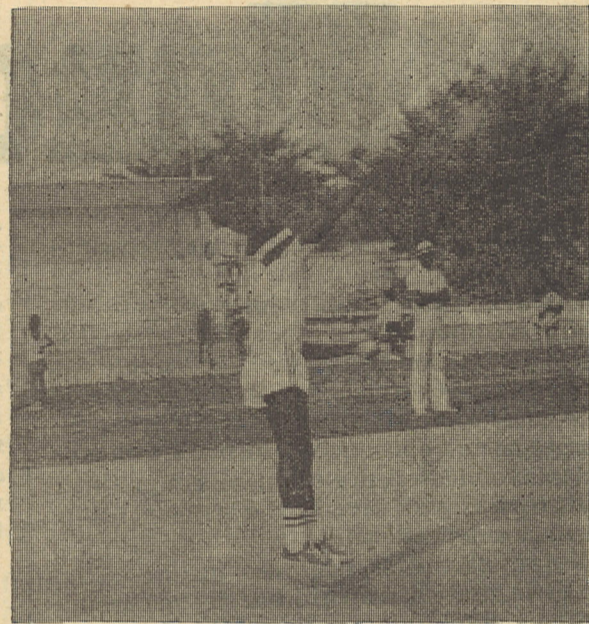
A equipa do Benfica depois de ter ganho mais uma vez o Campeonato Nacional está a um passo da Taça da Guiné

maior proeza pertenceu, sem sombra de dúvidas, ao Desportivo de Gabú que, pela primeira vez nos anais da história da Taça, atingiu as finais

vergadura como o Estrela N. de Bissau, derrotado pelo Benfica por 1-0 e a UDIB vergado perante o Gabú, igualmente, por uma bola a zero.

mero de clubes que tiveram a oportunidade de averbar vitória na final: Sporting na época 75/76; UDIB nas edições de 76/77 e 77/78, na

## Cadú vence torneio de Ténis



Tomé que esteve sempre bem no início das duas partidas chegando facilmente aos 3-0 mereceu o segundo lugar

Cadú Ferreira recebeu das mãos do camarada João Bernardo Vieira, a raquete que testemunha a sua vitória sobre Tomé, na final do torneio de ténis da Raquete, promovido pela Escola Lawn Ténis.

Ao ser derrotado por 0-2, com 5/7 e

5/7, no passado domingo, Tomé foi contemplado com uma caixa de bolas, como 2.º classificado.

Desta forma, Cadú confirmou a previsão de alguns amantes desta modalidade, perante um número razoável do público que esteve presente nesta final.

## Actividades da zona desportiva n.º 2

### Ministro Guineense do desporto em Bissau

O ministro da Juventude e Desportos da República Revolucionária da Guiné, Seidou Keita, fará, na próxima sexta-feira dia 19, uma visita oficial de quatro dias ao nosso país, a convite do seu homólogo guineense Adelino Nunes Correia.

Esta visita de quatro dias enquadra-se na necessidade de consolidação e reforço da cooperação desportiva entre os nossos dois países.

### Anúncio

Por este meio a Fundação dos Voluntários Neerlandeses faz saber ao público de que mudou o escritório da Rua Areolino Cruz a Rua 10, n.º 33-1.º andar.

A zona desportiva número dois do Conselho Superior do Desporto em África encontra-se, este ano, em foco, plena actividade, tendo promovido frequentes torneios o que permite uma maior troca de experiência entre os países membros.

Após o encontro de Dakar em basquetebol feminino, é a vez do Judo, também a ter lugar na capital senegalesa e do basquete na categoria de júniores a desenrolar-se em Nouakchott (Mauritânia).

Segundo um comunicado recebido pela Secretaria de Estado da Juventude e Desportos a data para o torneio de judo foi marcada para 30 de Junho a 5 de Julho. Este certame será realizado em sistema individual e por categorias de peso, o que a princípio significa que cada delegação será composta por oito elementos.

De salientar que com a finalidade de minimizar as despesas da Secretaria de Estado da Juventude e Desportos com a deslocação da nossa equipa, a Escola Nacional de Judo organizou com a colaboração dos pugilistas no passado sábado no salão do III Congresso, uma ses-

são de demonstração nestas duas modalidades. Contudo, o torneio não se realizou por corte de energia eléctrica.

Por outro lado, decor-

rerá de 29 do corrente a 6 do próximo mês, o torneio de basquete masculino na categoria de júniores na Mauritânia. A deslocação da nos-

sa caravana está prevista para o dia 23, caso não surja nenhum impedimento.

Por outro lado, segundo informações re-

colhidas junto de Cheik Fanta, treinador da equipa, já foi feita a escolha dos atletas que integram a selecção que vai a Nouakchott.

## Relações Norte-Sul: Luta decisiva

(Continuação das Centrais)

da fraqueza relativa do Sul, permitindo apenas apelos de boa vontade.

Nestas condições parece inevitável que os países do Sul, busquem um maior apoio no segundo bloco minoritário da área internacional, o dos países socialistas. Difícilmente as relações Norte-Sul poderão ser desbloqueadas se não houver um entendimento mais profundo com esta área, que representa 10% do comércio internacional e que permite atingir junto com os países do Sul, um terço do fluxo de trocas mundiais, mas que sobretudo já dispõe de um nível tecnológico decisivo para fortalecer as posições do Sul. Em particular, é preciso levar os países socialistas à compreensão da necessidade de uma maior participação sua na organização dos serviços de apoio ao comércio internacional (redes internacionais de comercialização, de transportes, de seguros, de telecomunicações financeiras, etc) ao sistema monetário internacional e outros sistemas de apoio que permitam romper o monopólio do Norte sobre as infra-estruturas organizativas das trocas internacionais.

É fundamental igualmente o apoio nos países exportadores de petróleo. A conta de importações de petróleo dos países do Sul elevou-se em 1980 a 60 000 milhões de dólares. (15) No entanto os lucros das multinacionais do petróleo em 1979 foram de 28 000 milhões de dólares. (16) Se acrescentarmos a alta de preços dos produtos exportados pelo Norte, mecanismo pelo qual o Norte repercute sobre o conjunto dos países do Sul os custos mais elevados do petróleo, vemos a importância de se criar mecanismos de utilização das riquezas recuperadas pelo Sul no quadro das pressões

da OPEP, de modo que se tornem em mais um instrumento de fortalecimento das posições do Sul.

É igualmente fundamental a busca de apoio no conjunto de forças que, no Norte, através de uma análise basicamente correcta da crise internacional — colocando a raiz da crise na própria polarização — entenderam a necessidade de se proceder a uma revisão global no sentido de redistribuição massiva de rendimentos para o Sul. Esta posição tem a vantagem de se apoiar sobre uma compreensão realista dos próprios interesses do Norte. Assim, o relatório Brandt, com ampla divulgação e interesse de vastas camadas do patronato do Norte, constata que «as tensões actuais não só põem em perigo a paz mas perturbam igualmente o desenvolvimento de relações económicas razoáveis e retardam o crescimento da prosperidade» (17) e vê na transformação do sistema «uma sólida compreensão dos próprios interesses, não só para as nações pobres e muito pobres, mas também para as mais adiantadas». A redistribuição de rendimentos a nível internacional e em grande escala deverá assim «contribuir para o crescimento e o emprego tanto no Norte como no Sul». (18) Além da abertura para reforço de cooperação com estas áreas interessadas na transformação de uma estrutura que, como o afirma o próprio relatório Brandt, referindo-se à situação monetária, «já começou a ruir», parece indispensável, para ultrapassar a presente situação de manifestações de boa vontade em conferências internacionais, chegar-se a definir programas concretos de acção a médio prazo destinados a permitir um reforço da coesão entre os próprios países do Sul.



## Comemorar Soweto

Apesar da forte repressão e intimidação, há dois meses que a grande maioria dos sul-africanos começou os preparativos para a celebração do «16 de Junho». Esta data marca o quinto aniversário do massacre de Soweto, perpetrado em 1976 pelo regime racista de Pretória, apavornado com a amplitude das manifestações anti-racistas dos jovens sul-africanos.

Mais de mil jovens alunos e estudantes negros foram massacrados nesse dia e nos que se seguiram. Não só em Soweto, mas também em Guguletu, Nianga etc. Como quase todas as revoltas, a de Soweto não foi totalmente vã.

Por um lado, mostrou aos que ainda não sabiam (ou fingiam não saber) a verdadeira face do apartheid. A sua brutalidade e crueldade incompatíveis com os mais elementares princípios dos direitos humanos. Por outro lado, Soweto indicou à Juventude sul-africana o caminho da unidade.

Se em 1976 só os negros participaram nas revoltas, nos anos seguintes, os jovens mestiços e indianos aderiram corajosamente à luta, desafiando quotidianamente a repressão oficial, ao lado dos seus irmãos africanos.

## Conselho de Ministros da OUA: Sublinhada a urgência da libertação da Namíbia

O presidente queniano Daniel Arap Moi reconheceu que a luta armada «é talvez o único meio definitivo» de obter a independência da Namíbia, «já que a África do Sul mantém as suas posições apesar da esmagadora oposição da comunidade internacional», ao pronunciar o discurso inaugural do 37.º conselho de ministros da OUA.

Contudo, Arap Moi considera que «a porta deve continuar aberta a uma resolução pacífica» (da questão namibiana). «Agora todos sabem que a Swapo (movimento de libertação da Namíbia) tem uma postura positiva e aberta sobre a independência», afirmou o chefe de Estado queniano, sublinhando que «só a arrogância» da África do Sul fez fracassar a conferência de Genebra sobre a acessão à independência deste território ocupado ilegalmente por Pretória.

Respondendo a Arap Moi em nome dos movimentos de libertação, um representante do Congresso Pan-Africano (PAC) um dos movimentos de libertação da África do Sul — Issacs, declarou que «a negociação devia apoiar a luta, e não o contrário». Acrescentou que «o sistema do apartheid constitui uma ameaça para a paz internacional», precisando por outro lado que as actividades de guerrilha no interior da África do Sul tinham ainda «um impacto limitado».

Por seu lado, o secretário-geral da OUA, Edem Kodjo, lembrou que após o fracasso da reunião de Genebra e o veto ocidental às sanções contra a África do Sul no Conselho de Segurança, a reunião dos ministros africanos «terá de tomar decisões sobre a libertação da Na-

míbia», tendo em conta as deliberações do Comité de Libertação que se reuniu recentemente em Arusha (norte da Tanzânia).

### MANOBRA AMERICANA

Recorda-se que o Comité de Libertação da OUA condenou a visita efectuada na sexta-feira passada à Namíbia ocupada pelo secretário de Estado adjunto americano William Clark, que qualificou de «violação flagrante» das resoluções da ONU.

Segundo o jornal tanzaniano «Daily News», o secretário executivo adjunto do comité, Laban Okaya, afirmou que a visita de Clark é «uma manobra sinistra da administração Reagan para sabotar o plano das Nações Unidas, que prevêem uma transição pacífica para a independência na Namíbia».

Sublinhando que chegou o momento de esclarecer quem é a favor ou contra o regime racista da África do Sul, o dr. Witness Magwende, ministro dos Negócios Estrangeiros do Zimbawé e presidente cessante do conselho de ministros, condenou os países ocidentais por terem vetado as sanções propostas no Conselho de Segurança da ONU contra Pretória.

### QUESTÃO DO SAHARA

Magwende recomendou que o conselho de ministros da OUA peça, por intermédio do grupo africano na ONU, uma sessão especial da Assembleia Geral desta Organização, a fim de impôr sanções obrigatórias à África do Sul. Analisando a reunião de Paris sobre as sanções contra o governo sul-africano, cujos resultados são considerados

positivos, o secretário-geral da OUA, Edem Kodjo precisou que esta deverá permitir que se exerça «o máximo de pressão sobre a África do Sul».

Quanto à questão do Sahara Ocidental e do Tchad, Kodjo indicou que um comité «ad hoc» encarregou-se disso. A questão da admissão do Estado saharauí é um dos pontos mais candentes da reunião. Mas Kodjo afirmou só a cimeira dos chefes de Estados é que pode pronunciar-se sobre isso. Recordase que o Marrocos ameaçou abandonar a OUA se a RASD for admitida como membro da Organização, o que de facto já aconteceu, segundo o ministro saharauí da Informação, Ould Salek.

Os observadores em Nairóbi sublinharam que Ibrahim Hakim, ministro dos Negócios Estrangeiros da RASD foi acolhido pelo seu homólogo queniano, Robert Ouko, com as mesmas honras que as outras delegações.

## Esquerda é maioria em França

A estatística definitiva da primeira volta das eleições legislativas em França, realizadas no domingo, deram uma larga vitória à esquerda, que viu assim confirmada a maioria presidencial obtida a 10 de Maio com a subida a presidência do candidato socialista François Mitterrand.

O Partido Socialista, com 37,51 por cento dos votos, consagrou-se des-

de já como a força dominante da vida política francesa, enquanto a antiga maioria da direita, formada pelo RPR de Jacques Chirac e a UDF giscardina apenas obteve 40 por cento dos sufrágios.

Por seu lado, o Partido Comunista, com 16,17 por cento dos votos, sofreu uma regressão, pois nas anteriores legislativas costumava atingir 20 por cento. 151 depu-

tados foram eleitos na primeira volta, que teve contudo uma taxa de abstenção de 29,64 por cento, a mais alta registada a 20 anos.

No entanto, é no domingo que vem, a segunda volta das eleições, que os 491 deputados serão todos conhecidos e que ficará confirmado se a esquerda socialista e comunista conseguiu, após 25 anos de oposição, tornar-se maioritária.

## Irlanda: Uma nação dividida (I)



Soldado britânico passa revista em Belfast

Irlanda. Uma ilha. Um povo. Uma nação. Uma pátria. Mas um país e uma província de outros.

Este é o primeiro drama irlandês: a separação de uma nação que sempre, mesmo subjugada, viveu e luou junta.

Protestantes ou católicos romanos, os irlandeses não renegam a sua origem, a sua terra. Dividem-nos interesses de classe como em todos os países onde há classes contraditórias. Mas isso não chega para separar uma pátria em dois.

Naturalmente que há interesses de classe que determina o drama. Em primeiro lugar, os interesses de uma classe que nem sequer é irlandesa: os monopólios ingleses e seus aliados. Mas, entre os aliados, existem alguns que são irlandeses, ou pelo menos da Irlanda: são os «ricos protestantes», como diz Bernardette Devlin, em favor dos quais se governa também em Belfast, em detrimento de todos os outros, quer sejam protestantes quer sejam católicos romanos.

A questão é, portanto, nacional e de classe. A libertação nacional só será possível quando se derem passos no sentido da libertação de classe. E é aí que entra aquilo a que as agências ocidentais continuam a chamar «guerra secreta» ou seja a «guerra entre católicos e protestantes».

### ACORDO COMERCIAL

DAR-ES-SALAM — A Tanzânia e a Argélia concluíram um acordo comercial nos termos do qual a Tanzânia exportará produtos agrícolas para a Argélia no valor de 62,5 milhões de dólares. Por seu lado, a Argélia fornecerá petróleo e produtos industriais à Tanzânia.

### SUBVERSÃO

HARARE — Alguns rebeldes zimbabueanos treinados na África do Sul infiltraram-se no Zimbabué através do rio Limpopo, mas as autoridades controlam a situação e «não há razões para inquietações», declarou o ministro do Interior do Zimbabué, Richard Hove. Hove indicou numa entrevista ao jornal «The Herald» que ainda não houve nenhum incidente após esta infiltração.

### GREVE

KARTUM — Os ferroviários sudaneses, em greve desde 30 de Maio último, para protestar contra o despedimento de 32 companheiros, decidiram prosseguir o seu movimento. A decisão seguiu-se ao fracasso de uma tentativa de conciliação conduzida por uma comissão de bons ofícios composta por deputados e sindicalistas.



# Angola 81 — incrementação da educação saúde e pescas

A Educação e Ensino, a Saúde e as Pescas, são três sectores que deverão crescer privilegiadamente em Angola, durante este ano de 1981, conforme o plano nacional aprovado pela Assembleia do Povo na sua sessão legislativa de Março passado, citado pela Angop (Agência Angolana de Informação).

Assim, em 1981 o número de alunos nas escolas do primeiro, segundo e terceiro níveis será de 3 milhões, o que significa um crescimento de 13,8 por cento em relação ao ano passado.

Para a construção escolar estão destinados 432 milhões de Kwanzas que permitirão abrir, em 1981, vinte e seis novas escolas para 28 mil lugares, prevendo-se ainda um aumento substancial da produção de manuais e cadernos escolares.

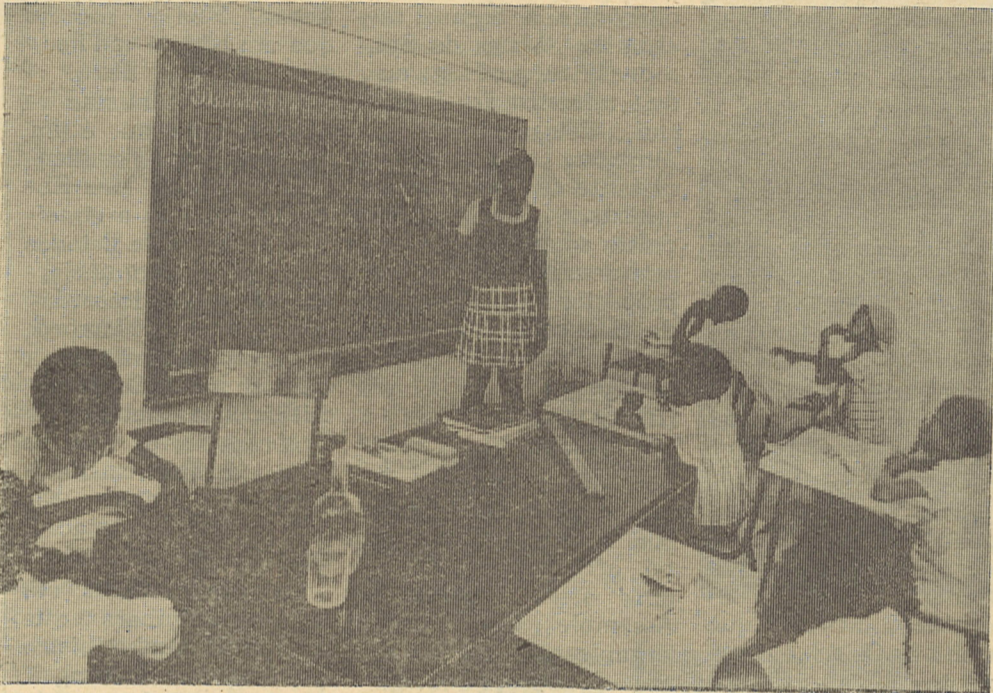
A nível de alfabetização e pós-alfabetização está avaliado em 800 mil o número de adultos en-

gajados, distribuídos por 1.831 escolas básicas operário-camponesas.

**NA SAÚDE**, o número

Catete (Província do Bengo) e ao equipamento da antiga maternidade de Luanda, para além

**AS PESCAS** vão receber 72 embarcações para fiscalização, investigação, transporte frigorifi-



de camas hospitalares aumentará para 14 374, o que representa um crescimento de dez por cento em relação a 1980. A par disso, uma soma de 566 milhões de Kwanzas está destinada essencialmente à construção de um Centro de Saúde em

de outras obras de construção por diversos pontos de Angola. O número de médicos será de 734 (mais 78 que o ano passado), estando previsto a formação de 53 novos médicos e de 1996 para-médicos.

co, além de barcos-escolas e pequenas embarcações de pesca à linha. A captura a realizar pela frota nacional está fixada em 128,9 mil toneladas de peixe, contra 85 mil que se calcula terem sido capturadas em 1980.

## Bafatá: Terminou a assembleia de militantes do PAIGC

Terminou ontem em Bafatá, a assembleia regional dos militantes do Partido que se tinha iniciado naquela cidade, no passado dia 12, com o objectivo fundamental de discutir e analisar o discurso de camarada Presidente do Conselho da Revolução apresentado na segunda reunião extraordinária do CNG, à semelhança do que tem acontecido em todo o país, inclusive no sector Autónomo de Bissau.

Na primeira fase dos trabalhos, os participantes à assembleia foram divididos em grupos de trabalho para estudar separadamente o documento, que devido à sua extensão foi dividido em cinco temas. Depois das discussões em comissões, a Assembleia Regional do Partido de Bafatá, composta por 250 pessoas, reuniu-se em plenário no qual teve lugar um animado debate sobre este documento de base.

No que diz respeito

ao pagamento de quotas, um ponto bastante discutido, e que fazia parte da ordem do dia, foram levantadas várias questões que foram esclarecidas pelo presidente do Comité do Partido da região.

A terminar a reunião, houve um espaço dedicado à crítica e à autocritica, no qual foram criticados vários responsáveis de diversos departamentos estatais naquela região pelo mau funcionamento dos locais que dirigem.

Na sessão de encerramento foram lidas as resoluções gerais da Assembleia que conta entre outros pontos, o apoio e fidelidade ao CR, de aceitação do PAIGC como força dirigente da nossa sociedade, de formar comités de base em todas as tabancas, e apela aos responsáveis das organizações de massas para retomarem as suas funções de vanguarda junto dos jovens, mulheres e trabalhadores.

ver  
escrever

## Domingo à noite no Cine-UDIB

I — Hoje é domingo. Anoiteceu, faz algumas horas. As estrelas foram encobertas por nuvens espessas, que formam uma cintura à volta da cidade. O temporal ameaça e a chuva não deve demorar.

Que fazer? Pergunta que muita gente faz, mas a final sem razão, porque o temporal amainou e a chuva não veio, para desespero dos nossos camponeses.

Eu, repórter, depois de ouvir a «BBC», decidi ir ao Cine-UDIB, onde decorre a semana de filme sueco. A opinião tem sido favorável, portanto nada há a perder.

Este foi o meu raciocínio, na ânsia de aproveitar melhor o tempo e preparar-me para mais uma semana de notícias e acontecimentos.

Já dentro do salão de espectáculos, começa a minha (e a de muita gente), aventura.

Escolho um lugar (pois tenho um convite) e, «zás», sento-me. Mas qual quê, a ventoinha não funciona e o calor é sufocante. Mudo de lugar, à procura de uma zona mais fresca. Ali, a ventoinha funciona, mas a cadeira está partida. Mais ao lado, ao pé de um casal de estrangeiros, a cadeira sem braços tem os estofos esburacados. A resignação invade-me e é numa cadeira semi-partida, que me instalo,

porque afinal quero é ver o filme sueco. Fecho os olhos, e respiro fundo; finalmente vou ver o filme.

Entretanto o tempo passa. Já vai para além das nove horas (21,00h) e a sessão não começa. A inquietação e o cansaço invadem os espectadores. Há gente que desiste. Há gente que vai ao «hall» fugindo da sauna do salão.

Os amigos suecos, dedicados, procuram inteirar-se do problema e quiçá dar uma ajudinha, como de resto veio a acontecer.

É um empregado da UDIB, que nos põe ao corrente da situação: «Não há som porque os amplificadores deixaram de funcionar». Face à estupefacção dos que o escutavam, o empregado explicou-se melhor — «Isto tem acontecido ultimamente, mas tenham calma, não é nada».

Aí não resistimos e perguntámos: «Como e quando será resolvido o problema». A resposta não deixou dúvidas a ninguém — «isso não faz mal, com ou sem som há filme».

E na verdade 45 minutos depois, o filme foi projectado. Ah, o som? O som não foi preciso não... Afinal que exigência é essa! As pessoas querem o som ou querem ver o filme?

II — O estado em que se encontra o salão de espectáculos da UDIB, é absolutamente

insustentável. Uma casa de espectáculos considerada de utilidade pública votada a um abandono aflitivo. As cadeiras partidas, as ventoinhas adornadas com teias de aranha, rimam com os estofos esburacados.

A cortina, a única que resta, já perdeu a cor. Um arrumador, só um, para todo o balcão, obriga as pessoas a amontoarem-se à entrada, prejudicando aqueles que tiveram o azar de ficar nas cadeiras junto a porta.

O bar deixou de funcionar. O pó e as baratas, substituíram os empregados e enfeitam as parteleiras vazias.

De quando em vez, há um «infeliz» que cai numa cadeira que se parte. Todo o mobiliário carece de assistência e limpeza.

Na casa de espectáculos da UDIB, está tudo cinzento, tão cinzento como a tinta utilizada para o interior do salão.

Foi num domingo à noite, na semana de filme sueco:

Mas acontece (u) mais vezes e não só aos domingos.

De quem é culpa? Quem responde por tudo isto?

Para onde vão os lucros do cinema? É do conhecimento de todos que ultimamente a UDIB tem tido a casa cheia com os «Cow-boys», «Karatés», etc.

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NÓ PINTCHA»; AV. DO BRASIL. C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

Redacção: Arlette Adília; António Tavares, Baltazar Bebiano, Barnabé Gomes, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, José Flecha, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. Maquetagem — Cândido Camará. Fotografia: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel da Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. Secretaria da Redacção: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.